

OPINIÃO

EDITORIAL

Tragédia da Chapecoense comove o mundo

A morte de quase todo o elenco da delegação da Chapecoense, aí incluídos atletas, dirigentes e comissão técnica, e de diversos profissionais da imprensa – jornalistas, radialistas, técnicos de operação, entre outros – causou compreensível pesar em todo o mundo e representa uma verdadeira tragédia para o esporte e para o jornalismo. Trata-se de pessoas que morreram em meio ao exercício de suas paixões, seja no esporte, seja no ofício de informar. A morte colheu grande parte deles em plena atividade de cobertura jornalística, deixando um vácuo nos seus veículos de comunicação, que estão enlutados e consternados por essas defecções nas suas equipes de trabalho.

A comoção foi imediata não apenas em

Chapecó mas no mundo todo diante do grande número de mortos, que representam vidas ceifadas ainda jovens, bem como a perda de pessoas experientes e de grande saber em suas respectivas áreas de atuação. O resultado imediato é que o mundo do esporte fica mais pobre, além de se ver torcedores incrédulos, famílias enlutadas e atletas perplexos diante do acontecido.

Em meio à dor e ao luto, resta confortar o coração de todos os que foram atingidos por esse sinistro irremediável. Também urge apurar as causas do acidente para dar conforto aos familiares e prevenir novos eventos trágicos. São comoventes os exemplos de solidariedade vindos de todos os lugares do planeta. A equipe da Chapecoense será lembrada para sempre como vencedora.

DO LEITOR

Renato Panattieri

Ética

Dois ex-governadores presos, o ex-presidente da Câmara Federal também preso, o presidente do Senado com vários processos no STF e ministro coagindo colega para auferir vantagens. Enfim vários quadros conspícuos envolvidos em malfeitos e desvios éticos. Quem foi às ruas pedir “a troca da guarda” no Palácio do Planalto deve sentir-se logrado. A postura pouco edificante do partido do atual presidente da República, que incluía ataques danosos a CLT de Vargas, faz-nos reavaliar a nossa passividade diante deste cenário desalentador.

Marcelo M. Oliveira, Porto Alegre

Colônia

Que o Brasil é uma colônia dos Estados Unidos não tenho dúvidas. Na minha infância tínhamos o Dia das Bruxas, atualmente halloween. Tínhamos a bicicleta (“bici”), hoje byke. Tínhamos a semana de descontos hoje black friday. Tínhamos cachorro ou cão, atualmente pet. Ao chegar de uma viagem pela América do Sul, de ônibus, só vi que entrávamos no Brasil porque os nomes das lojas e outdoors estavam em inglês. Com essa mentalidade quando seremos um país?

Eri T. Bellanca, Porto Alegre

Poder

A perda de poder fez com que as entranhas viessem à tona para certo partido político; que suas vísceras se dilacerassem publicamente e muita coisa até então obscura (do poder) agora seja colocada às claras. Ex-presidente, ao buscar indenização por (mal) feitos com comparsas e assessores, dá uma pequena noção de quão e quanta podridão existia nas entranhas, no âmago do poder, que de relações tidas como institucionais agora passaram a processuais/indenizatórias. Que vença o Brasil e não seus malfiteiros.

Amaro Dewes, Caçapava do Sul

Crônicas

Paulo Mendes continua “poetando” para alegrar e encher de boas lembranças a plateia de seus leitores. O sono em cima de um pelego, achei o máximo (CP 27/11). Ainda bem que, diante da turbulência política reinante, os gaúchos podem contar com as imagens simples e singelas mostradas por um vivente e conterrâneo de tão boa memória. Carol Majewski, Porto Alegre

Um em cada dois homens não realiza exames preventivos ao câncer de próstata.

A PREVENÇÃO ESTÁ EM SUAS MÃOS. NOVEMBRO AZUL

Unimed Rio Grande do Sul



JUREMIR MACHADO DA SILVA

juremir@correiodopovo.com.br

Nunca aprenderemos

Diante das tragédias, como essa que dizimou a delegação da Chapecoense, descobrimos nossa incapacidade de expressar o que, por definição, é indizível. O silêncio só é quebrado pelos lugares-comuns que emitimos constrangidos, desolados, perplexos. A vida é louca. A morte espreita. Tudo é tão frágil. Passamos grande parte da existência fazendo de conta que somos eternos. A organização do mundo está baseada numa espécie de premissa falsa: a permanência. Tudo se esvai em um segundo: planos, patrimônios, certezas, glórias, triunfos. O silêncio tem um faceta perturbadora. Queremos falar. O que dizer?

Quando a morte se impõe como ontem, só nos resta fazer o inventário do inexorável. Lembramos de outras tragédias, comparamos os dados, cotejamos os números de mortos, baixamos os olhos por alguns segundos. Desaceleramos. Aceitamos, rapidamente, nossa finitude. Depois, seguimos em frente. Por um lado, ainda bem que somos capazes de perseverar. Por outro lado, como não aprendemos, de fato, que tudo é passageiro? A fragilidade da existência deveria nos tornar mais cooperativos e menos competitivos, mais solidários e menos egoístas, mais abertos aos outros e menos enclausurados na prepotência, mais modestos e menos convencidos de alguma vantagem sobre os demais. Somos todos iguais na finitude e na fragilidade.

A vida adora os paradoxos e as irregularidades que, em algum momento, se completam como no fechamento de um círculo sem virtude nem glória. O aleatório entra em campo. Ou nunca sai dele. Tentamos racionalizar até a parte do acaso. Sempre há alguém que escapa por alguma razão sem razão, imponderável, inesperada. O bom jogador gaúcho Cláudio Winck, oriundo da base do Internacional, sempre sofreu com sucessivas lesões. Não estava no voo da morte por causa de uma delas. As lesões que destroem a sua carreira salvaram-lhe a vida? A mão do homem opera com seus erros. As máquinas que o homem inventa falham. Mas por que esta ou aquela? Por que nesta ou naquela hora?

Nos últimos tempos, a fatalidade está em baixa. Sempre há uma causa, um responsável, uma negligência, uma racionalidade. Há, porém, sempre algo de inacreditável e de enigmático nesses acontecimentos trágicos que geram manchetes imaginárias assim: a morte no apogeu. Ascensão e queda de um sonho. Abatido em pleno voo. O ser humano parece um brinquedo, marionete, uma pluma repentinamente soprada por um furacão saído do nada. Quem já não brincou com bolhas de sabão? Soprar, existir e desaparecer. Para quê? Por quê? Até quando? Buscamos respostas. Vivemos agarrados em ilusões. Em tempos normais, não falamos disso para não explicitar nossa ignorância e nosso medo.

Fico pensando em Mário Sérgio, que foi jogador do Inter e do Grêmio, ídolo da minha infância colorada. Rei do drible. Quem poderia imaginar que ele tomaria um chapéu do inesperado? Não somos coisa alguma. Vagamos ao vento como grãos de areia sem o menor peso. Todo dia um de nós se apaga. Há uma certeza que desprezamos pela banalidade e pela inutilidade: somos todos iguais diante da morte. Solidariedade aos familiares das vítimas. Triste condição humana.



CHARGE

Tacho

ARTIGO

Fabício Falkowski

Egoísmo confesso após a tragédia

A história da humanidade, olhando-se por um prisma não muito otimista, é uma sucessão de catástrofes desde quando os hominídeos alinharam a coluna vertebral. Acostumamo-nos a vê-las na tela da TV e nas páginas dos jornais com o coração empedernido. Porém, elas ganham um outro sentido, muito mais dolorido e real, quando acontecem tão perto da gente quanto essa que vitimou a Chapecoense. Morreram homens, pais de família, jovens ou nem tanto, muitos conhecidos nossos. Atrás da glória e do pão de cada dia, eles singravam a América em busca da taça da Copa Sul-Americana – ou da notícia, no caso dos 20 profissionais de imprensa que também morreram na queda.

Um deles, inclusive, foi nosso colega aqui no Correio do Povo. O Laion era um sujeito generoso e de bom convívio. Bom profissional e amigo dos amigos, como provam os vários testemunhos a seu respeito publicados ao longo do dia nas redes sociais. Mas ele também teve a vida ceifada. Aos 29

anos (!), teve a trajetória interrompida de uma forma difícil até de imaginar.

Humano que sou, me coloquei no lugar do Laion e dos outros que estavam a caminho de Medellín. Lembrei-me da vez em que o avião em que eu estava, entre nuvens e trovões, quase não pousou no aeroporto de Quito, no Equador, enquanto os jogadores e colegas em todos os bancos ao redor rezavam conforme suas convicções religiosas. Também recordei da vez que o companheiro Rodrigo Oliveira, então repórter da Rádio Guaíba, acordou-me em um voo quando já sobrevoávamos a imensidão do Oceano Atlântico com o avião com suspeita de incêndio. O piloto deu meia-volta e, horas depois, desembarcamos em Madrid só com a roupa do corpo, mas felizes da vida.

A realidade me esbofeteou outra vez. Confesso que quando fui pegar minha filha na escola ontem, não contive o egoísmo. Abracei a Helena forte e pensei que devo repetir o gesto ainda mais no nosso dia a dia. Afinal, poderia ser eu naquele avião na Colômbia. Poderia ser qualquer um de nós.

editor de esportes do Correio do Povo

Os artigos publicados com assinatura nesta página não traduzem necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores. Podem ser enviados para o e-mail opiniao@correiodopovo.com.br. As cartas para o Correio do Leitor, com assinatura, endereço, número da identidade e telefone de contato para confirmação deverão ser enviadas para a Diretoria de Redação do Correio do Povo, na rua Caldas Júnior, 219, CEP 90019-900, ou pelo e-mail doleitor@correiodopovo.com.br. Por razões de clareza ou espaço, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.

LEIA O CORREIO DO POVO EM REALIDADE AUMENTADA



1. Faça o download gratuito do aplicativo "Wikitude".



2. Busque por 'Correio do Povo' no aplicativo e inclua o CP Mobil nos favoritos.



3. Aproxime seu celular do jornal e aproveite esta nova experiência no seu CP.



Onde tem este símbolo, tem conteúdo em realidade aumentada.



CORREIO DO POVO

FUNDADO EM 1º DE OUTUBRO DE 1895

EMPRESA JORNALÍSTICA CALDAS JÚNIOR

PRESIDENTE: Reinaldo Gilli | presidencia@correiodopovo.com.br

DIRETOR EXECUTIVO: Cleber Nascimento Dias | cnascimento@correiodopovo.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: Telmo Ricardo Borges Flor | telmo@correiodopovo.com.br

DIRETOR COMERCIAL: João Müller | jmuller@correiodopovo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
Fone (51) 3216.1600
atendimento@correiodopovo.com.br

ATENDIMENTO PRESENCIAL
Rua dos Andradas, 954

REDAÇÃO
Rua Caldas Júnior, 219 - Porto Alegre, RS
CEP 90019-900 | Fone (51) 3215-6111

FILIADO
Impresso simultaneamente nos parques gráficos de Porto Alegre, São Sepé e Carazinho

COMERCIAL
Atendimento às Agências
Fone (51) 3215.6169

Teleanúncios
Fone (51) 3216.1616
anuncios@correiodopovo.com.br

OPEC
Operação Comercial
Fone (51) 3215-6101, ramais 6172 e 6173
opcec@correiodopovo.com.br

GERÊNCIA DE MERCADO LEITOR
Renato Rythowen
rhythowen@correiodopovo.com.br

ASSINATURA
Fone (51) 3216-1606
assinatura@correiodopovo.com.br

Planos	RS / SC / PR	Digital
Mensal	R\$ 58,90	R\$ 29,90
Semestral	R\$ 353,40	R\$ 179,40
Anual	R\$ 706,80	R\$ 358,80

VENDA AVULSA
RS: De segunda-feira a domingo, R\$ 2,00;
SC e PR: De segunda-feira a domingo, R\$ 2,50;
Demais Estados: De segunda-feira a domingo, R\$ 3,00 mais frete.